

OSVALDO NAKAO

Uma experiência que deu certo

As relações candidatos/vagas divulgadas pela Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest) refletem, de fato, a atratividade que algumas carreiras têm no mercado. Na eterna busca da melhoria dos serviços prestados à comunidade, quer como formadora de recursos humanos ou através dos seus produtos finais, a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Epusp) tem em mente esse relacionamento com as deman-

das sociais mesmo não tendo a agilidade que as mudanças ocorridas exigem. E, assim, a Epusp tem modernizado seus laboratórios, ampliado seus serviços de extensão, reformulado seus currículos e implantou os Cursos Cooperativos em Engenharia de Computação, de Produção



O aluno com vivência profissional certamente começa na frente

e Química na cidade de Cubatão.

Inspirados nos modelos canadenses da Universidade de Waterloo, só os alunos mais preparados fazem a opção por estes cursos porque a dedicação e o interesse necessários são muito maiores que os exigidos nos cursos convencionais de Engenharia.

O digno aceite pelo mercado de trabalho dos formandos da primeira turma, em julho de 1994, e os depoimentos dos profes-

sores e empresas que puderam comparar esses alunos com os oriundos dos outros cursos, comprovam que são uma experiência didática que deu certo.

Falar em estágios cooperativos não é falar em estagiários de meio período ou requisito burocrático pa-

ra se formar. São, na verdade, postos de trabalho, em regime de 40 horas semanais onde se aprende a diversidade das culturas das empresas, se verifica a adequação do que é ensinado em sala de aula e se ganha a segurança de quem se torna empregável. Neste mercado cada vez mais exigente e competitivo, o aluno que se forma tendo em seu currículo dois anos de vivência profissional, certamente começa na frente.

Mas, a Epusp, ao viabilizar esses cursos, tem enfrentado muitas dificuldades. Como cada estagiário recebe uma bolsa negociada após a seleção feita pela empresa, antecipando a realidade de mercado que o aluno enfrentará, os reflexos restritivos dos choques econômicos afetaram os convênios que a escola fez com as empresas. Ou ainda, por não ter as instalações adequadas para o seu funcionamento, parte do curso é ministrado em Cubatão, parte em São Paulo e o corpo docente não pôde se fixar. A comunidade tem se organizado exemplarmente para a perma-

nência da Escola Politécnica na Baixada Santista mas esta é ainda uma obra inacabada.

Inacabada porque há dois anos não se faz vestibular por absoluta falta de perspectivas. Somente a Escola Politécnica e as empresas têm cumprido a sua parte nesta parceria. O nosso futuro governador, pelo seu passado de politécnico e de santista, com todo o seu preparo certamente vencerá a inércia e buscando novos caminhos para as realizações sempre tão necessárias como esta, procurará completar a implantação da Escola Politécnica na Baixada Santista. São atitudes de valorização do Ensino, da Educação, da ampliação do papel das Universidades e da interação do setor produtivo com a escola que sinalizarão para um futuro em que o jovem voltará a acreditar que vale a pena investir, que vale a pena estudar e trabalhar.

■ *Osvaldo Nakao é professor da Escola Politécnica e coordenador dos Cursos Cooperativos da USP*